
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

GUILHERME SALVADOR

**REFLEXÃO ACERCA DA INATIVIDADE
FEMININA NO CONTEXTO DAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

A large, abstract geometric graphic in the bottom half of the page. It consists of a series of overlapping, light blue and white triangular and polygonal shapes that form a complex, crystalline structure.

Rio Claro
2010

GUILHERME SALVADOR

REFLEXÃO ACERCA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E
INATIVIDADE FEMININA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR

Orientadora: Suraya Cristina Darido

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau
de Licenciado em Educação Física

Rio Claro
2010

796.07 Salvador, Guilherme
S182r Reflexão acerca das relações de gênero e inatividade
feminina nas aulas de Educação Física escolar / Guilherme
Salvador. - Rio Claro : [s.n.], 2010
45 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação
Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Biociências de Rio Claro
Orientador: Suraya Cristina Darido

1. Educação física – Estudo e ensino. 2. Educação física
escolar. 3. Coeducação. 4. Universo feminino. 5. Dominação
masculina. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado o dom da vida. Aos meus pais José e Nadir que me apoiaram sempre e me deram condições afetivas e efetivas de estudo, aos meus irmãos Vinícius e Livia que apesar de deixarmos de viver muitos momentos juntos, sempre estavam alegres para me receber aos finais de semana.

A minha namorada Carolina que esteve sempre junto na maior parte desses quatro anos, compartilhando sentimentos bons e momentos inesquecíveis, foi com certeza a maior incentivadora dos meus projetos pessoais e universitários, sem sua presença meu percurso seria muito mais difícil, sua companhia e forma de amar foi o impulso para minha formação e meu amor por você foi o responsável pelos meus momentos mais felizes nesses anos. Que nossa união seja eterna e que todos os aprendizados nesse tempo sirvam para um futuro promissor. Te amo muito, muito, muito e para sempre minha pequena!

A todos meus amigos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha vida nesses quatro anos, aos que aprendi mais do ensinei, aos que pude dar alguma contribuição em algum aspecto da vida. Especialmente aos colegas da Rep Tudo Nosso e também ao pessoal da turma de licenciatura de 2007. Ao pessoal que pude compartilhar de momentos bons no futebol/futsal, especialmente aos colegas que sofreram juntos na conquista do Interef 2008.

Aos meus abençoados professores, cada qual com suas características, mas todos com devida importância para minha formação pessoal e acadêmica. Apesar do receio em citar, necessito registrar o agradecimento a Suraya que é apaixonada pela Educação Física escolar e por isso entusiasma os futuros professores, foi minha orientadora e uma das responsáveis por desencadear meu interesse pela Educação Física escolar. Agradeço também ao professor Afonso que por diversas vezes nesses anos estivemos frente a frente, foram 3 disciplinas e muitas aprendizagens. Ao professor Osmar que conseguiu tratar a Educação Física de forma harmoniosa

e mais do que teoria demonstrou na prática as várias possibilidades que essa disciplina proporciona. Ao professor Samuel que acredita como ninguém na Educação e que faz tão bem a interface entre universidade e escola, foi importantíssimo nesse meu início de trajetória docente, todos professores deveriam passar por um Samuel na vida. Enfim, a todos os professores que me ensinaram de alguma forma conteúdos/valores que servirão como base para a minha carreira.

RESUMO

As aulas de Educação Física escolar apontam para um cenário recorrente e ao mesmo tempo inaceitável: a inatividade feminina. Essa realidade surge como um marco negativo, uma vez que as conquistas femininas no “universo” do movimento estão consolidadas. Entretanto, essas conquistas podem não significar uma relação de equidade entre os sexos. Baseado nisso, pretendeu-se investigar a prática pedagógica de dois professores de Educação Física no trato das questões de gênero e da inatividade feminina. A pesquisa realizada teve como abordagem a metodologia qualitativa de caráter descritivo. Foram observadas aulas de Educação Física de dois professores da rede pública de ensino da cidade de Rio Claro. Após o período de observação foi aplicada uma entrevista para as meninas, a fim de dialogar sobre a problemática da relação de gênero. Para essa coleta utilizou-se um gravador de voz para registrar a entrevista, que depois foi transcrita. Como resultado observou-se que as aulas acontecem predominantemente sem a interação entre os sexos, há um domínio simbólico masculino que faz com que meninos dominem o tempo e espaço da aula. Na entrevista as meninas mostraram-se contrárias a interação com os meninos, muitas vezes por motivos físicos, sendo assim, as práticas na Educação Física escolar estão permeadas de conteúdos que exigem rendimento. Conclui-se que há carência nas aulas de Educação Física de práticas coeducativas, o que ocasiona um aumento na distância entre os sexos, descaracterizando a condição igualitária que a escola deveria proporcionar e fazendo com que os corpos femininos neguem a interação com o sexo oposto, tanto por motivos biológicos, como por razões motoras.

Palavras-chave: relação de gênero, coeducação, Educação Física escolar

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
1.1 Motivações Iniciais.....	7
1.2. Educação Física escolar e o problema.....	7
1.3. Objetivo.....	8
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	9
2.1. Recortes Femininos na sociedade.....	9
2.2. Gênero como norteador do processo.....	13
3. METODOLOGIA.....	18
3.1. Caminhos da pesquisa.....	18
3.2. Instrumentos para coleta de informação.....	18
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	21
4.1. Desvendando o contexto Escola 1- 6ªsérie.....	21
4.1.1. Aula 1.....	21
4.1.2. Aula 2.....	22
4.1.3. Aula 3.....	25
4.1.4. Aula 4.....	25
4.1.5. Aula 5.....	26
4.2. Escola 2 – 8ª série.....	26
4.2.1. Aula 1.....	27
4.2.2. Aula 2.....	27
4.2.3. Aula 3.....	28
4.2.4. Aula4.....	29
4.3. Discussão (Observação x Entrevista).....	30
4.4. Separação das turmas por sexo.....	30
4.5. Supremacia esportiva.....	32
4.6. Contexto escolar.....	35
5. CONCLUSÃO.....	39
6. REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

1.1 Motivações iniciais

Na metade do curso de licenciatura em Educação Física, mais precisamente no primeiro semestre do terceiro ano, tive os primeiros contatos com o ambiente escolar como aluno-observador, através da disciplina prática de ensino e posteriormente no segundo semestre como regente. Esse contato me permitiu uma visão mais ampla e atualizada do sistema público de ensino e mostrou a realidade das aulas de Educação Física. Ao conhecer o contexto escolar, pude resgatar os conhecimentos teóricos adquiridos para enriquecer minha prática.

Contudo na minha formação até aquele momento, havia obtido poucos conhecimentos acerca da relação de gênero nas aulas de Educação Física, sendo assim, ao deparar com tamanha inatividade feminina e sinalizações de dominação masculina nas aulas faltava-me base teórica para entender mais profundamente a questão. Sempre acreditei na Educação Física escolar para todos e essa “anestesia” dos corpos femininos contrariou tudo que pensava, sendo que o mais assombrante foi a resistência feminina para a prática e a impossibilidade observada para a interação entre os sexos para promover a co-educação. A partir desse momento senti-me mobilizado para tentar entender esse universo recorrente nas aulas de Educação Física e para isso optei por escrever meu trabalho de conclusão de curso na temática citada.

1.2. Educação Física escolar e o problema.

A realidade dentro das aulas de Educação Física aponta para uma falta de interesse feminino em realizar ativamente as aulas, esse cenário pode ter inúmeras causas que vão desde razões histórico-culturais até ausência de práticas de co-educação. Com os avanços conquistados dentro da Educação Física, que preza pela cultura corporal do movimento não há como aceitar a provável inatividade feminina. Uma vez que a escola é para todos, a participação feminina dentro das aulas de Educação Física teria que ser marca registrada, principalmente por acreditar que toda formação escolar é no sentido de preparar para a vida e formar cidadãos.

Essa falta de participação feminina pode estar relacionada as desvantagens da mulher nos diversos setores sociais adquiridas ao longo da história, mas o que essa desvantagem tem a ver com a inatividade? O que acontece é que a desvalorização feminina que há muito vem sendo combatida deixou “marcas” nas representações corpóreas, sendo assim, para as mulheres só eram permitidas atividades passivas, sem contato físico, ficando a mercê da falsa fragilidade que lhes eram atribuídas.

É preciso compreender que “o corpo é uma construção cultural, sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc.” (GOELLNER, FIGUEIRA & JAEGER, 2008, p. 67). E o corpo da mulher parece ter herdado configurações que afetam o nível de sua atividade.

Portanto, é necessária uma investigação no sentido de desvendar quais “manobras” são eficazes para aumentar a participação feminina e aproximar as aulas de Educação Física no espaço mais democrático possível. Para isso faz se necessário uma série de considerações a respeito das prováveis causas da atual problemática, fazendo uma explanação através de diversos estudos da área, analisando a questão de gênero a partir de vários recortes histórico-sociais.

1.3 Objetivo

O objetivo desse trabalho foi observar as relações de gênero presentes nas aulas de Educação Física escolar do Ensino Fundamental de dois professores de Educação Física e através disso investigar a inatividade feminina, analisando se ela existe; de que maneira as próprias alunas se excluem das aulas e por quais razões esse processo ocorre

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Recortes femininos na sociedade

Há de se considerar que as mulheres vêm exercendo papel secundário em relação aos homens nos diversos setores da sociedade e essa superioridade masculina foi construída culturalmente a partir das diferentes formas de educar homens e mulheres, o que conferiu competências e habilidades específicas para cada gênero (CRUZ E PALMEIRA, 2009).

Portanto, está cada vez mais em evidência a discussão sobre como está se dando a produção cultural do corpo que está intimamente ligado com as tarefas realizadas nos diversos setores sociais. Por se tratar de um processo contínuo e mutável as evidências atuais podem não determinar o futuro, contudo sinalizarão para uma tendência. E pode-se pensar a partir disso quais influenciadores sociais que colaboram no processo citado.

Um dos aparelhos ideológicos utilizados para tal construção é a escola, que é etapa obrigatória na vida dos cidadãos e é, portanto onde preconceitos e estereótipos reaparecem, assim sendo o professor ganha notoriedade na sua intervenção pedagógica, pois a partir dela poderá direcionar os alunos para a aquisição de valores necessários a relação entre os sexos, dos quais posso citar, respeito, solidariedade, etc, que se adquiridos mudará a forma de enxergar o sexo oposto, colaborando no processo de humanização. Por outro lado a “cegueira” docente para essa questão provavelmente acarretará na confirmação da impossibilidade de interação respeitosa entre homens e mulheres na sociedade e principalmente nas aulas de Educação Física escolar.

O documento Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) da área de Educação Física mostra preocupação na relação entre os sexos na escola e dá grande importância a intervenção docente:

[...] os professores devem transmitir, por sua conduta, a valorização da equidade entre os gêneros e a dignidade de cada um individualmente. Ao orientar todas as discussões, eles próprios respeitam a opinião de cada aluno e, ao mesmo tempo, garantem o respeito e a participação de todos, explicitando os preconceitos e trabalhando pela não discriminação das pessoas. (BRASIL, 1998, p.19)

Dentro das aulas de Educação Física a superioridade masculina transparece de forma clara, sendo os meninos os maiores interessados e subjugados merecedores de maior espaço e atenção nas aulas. Através dessa ideologia existente registra-se no ambiente escolar muitos preconceitos que exigem uma intervenção pedagógica em busca de um direcionamento do docente no sentido de garantir a igualdade de direitos. Refletir sobre essa temática instiga uma série de questionamentos sem respostas, como por exemplo, como as meninas assistem passivas a essa questão? Quais são as aspirações que as meninas levam para as aulas de Educação Física? Qual a percepção feminina da dominação masculina nas aulas citadas e quais resistências são oferecidas por elas? Qual a melhor forma de mudar esse cenário construído historicamente? Ao longo dessa pesquisa buscou-se argumentar sobre esses questionamentos em busca de pistas para prováveis respostas necessárias para que a Educação Física escolar adquira caráter de equidade.

Para responder essas questões um passo interessante seria o de refletir com os alunos sobre a realidade vivida, fazendo com que haja uma percepção discente e um incômodo permanente que motive mudanças de posturas, pois os sistemas escolares modernos, além de refletir a ideologia sexual dominante constroem uma série de mecanismos de masculinidades e feminilidades heterossexuais, que impõem um sistema hierarquicamente ordenado, que dita as normas de condutas dos escolares (MAC AN GAHILL, 1996).

Contudo, quando pensamos em aulas de Educação Física na escola percebemos que esse domínio é mais evidente, o fator sociocultural que permite aos homens vivenciarem mais atividades motoras requeridas na escola, acaba por desmotivar meninas, que se sentem inferiores e optam pela não prática, ou seja, pela “anestesia” dos corpos, sendo prejudicados nos aspectos físicos, motores, educacionais entre outros que a Educação Física proporcionaria.

Outro fator inibidor são os freqüentes apelidos pejorativos “conquistados” pelas meninas que praticam as atividades esportivas “inadequadas” ao feminino, esses apelidos podem variar de um maldoso “maria-rapaz” até insinuações de proximidade física com a figura masculina. (GRIFFIN & GENASCI, 1990).

Sendo assim, um dos fatores que excluem as meninas das aulas de Educação Física ultrapassa as questões de gênero, pois o critério de exclusão não é

exatamente o fato de elas serem mulheres, mas por serem consideradas mais fracas e menos habilidosas que seus colegas ou mesmo que outras colegas (SOUSA e ALTMAN, 1999). Essa desvantagem física e motora das meninas nas aulas de Educação Física se deve em menor escala aos fatores biológicos, mas principalmente aos estereótipos construídos culturalmente que por sua vez determinam as atividades adequadas para cada sexo.

Scott (1995) considera que na relação homem e mulher tem aspectos que foram construídos culturalmente e de relevância social que vão além dos determinantes biológicos. Ao se pensar nas relações de gênero no esporte, deve-se considerar as atitudes de ambos os sexos nessa prática, atitudes que podem possuir diferentes características.

O esporte aparece como uma prática bastante valorizada na sociedade e um dos conteúdos mais trabalhados na escola nas aulas de Educação Física, entretanto a desvantagem feminina nesse componente da cultura pode ser evidenciada com alguns dados, por exemplo, nos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna em 1896, não houve mulheres entre os competidores.

Elas foram inseridas aos poucos nesse universo, sofrendo alguns reveses, como a fatídica prova feminina de oitocentos metros dos Jogos Olímpicos de Amsterdã, em 1928, em que muitas atletas pela motivação de superar os limites acabaram não suportando o esforço, desabando ao chão e solicitando ajuda médica (CARDOSO, 1996)

Esse fato foi um retrocesso as conquistas femininas, que a partir daí viraram alvos de noticiários pessimistas sobre suas possibilidades. Segundo Souza Junior (2002) o jornal londrino Daily Mail após o incidente noticiou que “as mulheres não foram feitas para correr esse tipo de distância assassina” e baseado em entrevistas feitas com médicos e fisiologistas da época garantiram que corrida como os oitocentos metros provocava o envelhecimento precoce das mulheres.

Souza Junior (2002), em sua tese de mestrado nos atenta para a posição defendida pelo idealizador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna o Barão Pierre de Coubertin, que acreditava ser necessário banir as mulheres do esporte por razões morais, portanto fica mais do que claro que a idéia olímpica excluía as possibilidades práticas femininas, ficando em segundo plano no espetáculo. Coubertin foi ainda

mais contundente na sua ideologia ao publicar seu tratado “Princípios filosóficos do olimpismo moderno” de 1936:

O verdadeiro herói olímpico é, a meu ver, o homem adulto. Eu pessoalmente não aprovo a participação das mulheres em competições públicas. [...] isto significa não que elas devam se abster de praticar um grande número de esportes, mas que não devem dar espetáculo. Nos Jogos Olímpicos, seu papel deveria ser, sobretudo, como nos antigos torneios, o de coroar os vencedores. (COUBERTIN citado por CARDOSO, 1996, p. 10)

Segundo Castellani Filho (1988), no Brasil não foi nada diferente, durante a ditadura militar o Conselho Nacional de Desportos que regulamentava as ações esportivas, baixou as seguintes instruções:

Deliberação – CND- N° 7/65

N.º1 – Às mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidade e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação.

N.º 2 – Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball. (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 62-63)

Tal deliberação foi revogada quatorze anos mais tarde, em 1979, trazendo assim diversos prejuízos no desenvolvimento esportivo feminino, sem contar o legado negativo que foi deixado, uma vez que esses esportes foram caracterizados como pertencentes à cultura masculina e a inserção feminina neles é tão recente que traz “resquícios” de preconceito.

Através dessas constatações históricas pode-se perceber o atraso feminino nas práticas esportivas, provocada pela diferenciação de oportunidades incentivada pelo olhar machista da época.

O cenário recorrente da utilização do esporte como conteúdo principal nas aulas de Educação Física potencializa a diferenciação entre os sexos. Romero e Verbena (2003) analisando os vários significados de determinados temas atentam que o esporte se apresenta como campo para manifestação da masculinidade, sendo, portanto, revitalizador do sexo. Outra característica marcante desse conteúdo é o teor seletivo que ele possui, portanto ao ser incorporado nas aulas de forma incorreta valoriza a competição e não a cooperação, deflagrando provavelmente como um dificultador de ações inclusivas.

Sobre a questão do rendimento, dentro das aulas de Educação Física escolar há um consenso em considerar os meninos sempre com maior aptidão física que as meninas, sobre esse assunto Souza Jr. (citando Freire, 1989) afirma que esse argumento só se justificaria se o objetivo exclusivo da Educação Física fosse o rendimento. Essa questão do rendimento talvez seja a que mais contribui para o “caos” na Educação Física, tanto porque as meninas na maioria das vezes estarão em desvantagem física e também porque entre os sexos há diferenças de rendimento em detrimento das experiências anteriores com os conteúdos apresentados.

Pode-se afirmar assim, que o rendimento exigido pelo esporte institucionalizado transfere-se para a escola, e os alunos utilizam o espaço da educação física para confrontar suas habilidades e com isso dão um caráter competitivo, que exige demandas físicas que naturalmente impedem a aproximação dos sexos para uma eventual interação prática, impedindo assim as tentativas de coeducação.

As práticas coeducativas aproximariam os sexos e através disso questões relevantes poderiam ser problematizadas. Saraiva (1999, pag.181) ressalta:

Torna-se importante trazer para o campo das discussões e possibilidades pedagógicas as questões [...] como: os papéis sexuais estereotipados, os anseios irracionais de dominação dos homens, a opressão tradicional da mulher e, principalmente a ameaça ao direito de melhores condições e igualdade dos seres humanos no esporte e na educação física.

2.2 Gênero como norteador do processo

A conotação gênero estará presente em grande parte do trabalho por se tratar de questões sociais relacionadas com os sexos, ou seja, as construções históricas determinantes para se formular conceitos sobre o que é pertencente ao sexo masculino e feminino independente de características físicas, sendo considerado assim, fator predominante para investigação que dará suporte a pesquisa realizada.

Para ampliar o entendimento sobre gênero faz-se necessário conscientizar que não são propriamente as características sexuais que predominam, mas a forma como essas características são representadas ou valorizadas, que vai constituir,

efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico (LOURO, 2003).

Portanto as preocupações contemporâneas com o tema gênero incidiram na evolução de estudos na área e avanços significativos nas discussões. Para fins de esclarecimento, Goellner (2000), interpreta gênero como construção social do sexo e Meyer (2003), complementa a definição:

[...] O conceito de gênero engloba todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade. (p. 16)

Esse processo de diferenciação entre os sexos começa desde os primeiros anos de vida, sendo assim as subjetividades infantis são direcionadas para a assimilação dos formatos sociais. Souza Junior (2004) atenta para as diferenças de estímulos infantis entre os sexos, enquanto meninos brincam através de atividades expansivas e dinâmicas, as meninas divertem-se com brincadeiras de caráter passivo e “doméstico” construindo assim a menina doce e frágil que a sociedade normalmente espera.

Abreu (1992) constatou que irmãos e irmãs tendem a receber uma educação diferenciada, os meninos ficam com mais tempo livre para brincadeiras e as meninas participam do universo doméstico auxiliando as mães nos afazeres e vivenciando apenas mais tarde experiências motoras nas aulas de Educação Física escolar.

Daólio (1995a) sustenta que esses hábitos corporais masculinos e femininos vão ao longo do tempo, tornando um sexo mais hábil que o outro em termos motores.

E essa diferença pode ser escancarada no ambiente escolar, onde as interações entre os sexos são aumentadas, sendo que as aulas de Educação Física possibilitam visualizar melhor essa realidade. Louro (2003), atenta para a contribuição das aulas de Educação Física para a formação de masculinidades e feminilidades, “se em algumas áreas escolares a constituição da identidade de gênero parece, muitas vezes ser feita através dos discursos implícitos, nas aulas de Educação física esse processo é, geralmente mais explícito e evidente.” (p. 72)

Essa evidência pode ser explicada, pois a comunicação presente nessas aulas é através do corpo, e a marca histórica contida nele diz muito sobre o processo vivido até o momento, não dando para esconder a diferença.

A Educação Física, portanto, potencializa a visualização dessas diferenças, pois:

O movimento permite compreender, talvez de forma mais nítida, que toda e qualquer diferença é sempre atribuída no interior de dada cultura; que determinadas características podem ser valorizadas como distintivas e fundamentais numa determinada sociedade e não terem o mesmo significado em outra sociedade; e, ainda, que a nomeação de diferença é, ao mesmo tempo e sempre, a demarcação de uma fronteira (LOURO, 2003, p.46).

Essa fronteira existente causa um “mal estar” na relação entre homens e mulheres. De acordo com Goellner (2000, p.2) “o temor que a mulher rompa algumas barreiras que delimitam as diferenças culturalmente construídas para cada sexo torna imperiosa a sua feminização”, ela conclui afirmando que caso as mulheres descumpram essas normas ela estaria se masculinizando. Portanto, a mulher, ao mesmo tempo em que conquista um eventual território antes proibido, recebe uma advertência simbólica dos mecanismos de dominação, que prezam pela ordem vigente.

Essa constatação nos possibilita refletir sobre o tratamento preconceituoso por parte da sociedade que é marcada pela não aceitação das diferenças. Um dos princípios contemplados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) documento elaborado para as diversas disciplinas do ensino fundamental é o da diversidade, que orienta no sentido de legitimar as diversas possibilidades de aprendizagem que se estabelecem com a consideração das dimensões afetivas, cognitivas, motoras e socioculturais dos alunos. Ele também traz orientações didáticas para tratar com a diversidade e atenta para que:

A escola, ao considerar a diversidade, tem como valor máximo o respeito às diferenças - não o elogio à desigualdade. As diferenças não são obstáculos para o cumprimento da ação educativa; podem e devem, portanto, ser fator de enriquecimento. (BRASIL, 1998)

Essa iniciativa dos Parâmetros Curriculares Nacionais nos atenta para as dificuldades milenares da humanidade em aceitar o outro da forma como ele é. Portanto agir com quantidade significativa de alteridade, colaborará para minimizar ações preconceituosas. Sendo assim, as aulas de Educação Física são um

excelente espaço para discussão das representações dos corpos, pois há necessidade de questionar o que antes era verdade absoluta, a fim de formar cidadãos críticos que enxergam além da “dominação”.

Souza Junior (2004) admite que a categoria gênero assume sentido e significado de representar a consideração da construção social e histórica dos sexos, enfatizando-se o caráter social e relacional dessa construção.

Portanto o feminino é diferente do masculino por questões histórico-culturais, a sociedade “impõe” certas atitudes pertencentes a cada sexo que acarreta nos estereótipos que são confundidos com determinações biológicas, mas na verdade são sociais e dar um caráter relacional ao gênero significa reconhecer que o feminino não é oposto do masculino e sim uma categoria independente, abrindo espaço para estudos mais elaborados dessa natureza.

Já Wittig (citada por BUTLER, 1997), entende que o próprio conceito de gênero institui uma relação de poder entre os sexos, pois não existem dois gêneros. Só há um: o feminino. Segundo ela o masculino não é gênero. O masculino não é o masculino, e sim o geral.

Essa visão defendida por Wittig (1977) traz consigo a idéia que para o sexo masculino tudo é permitido, podendo as representações se adequarem aos contextos, já para as mulheres há um limite nas possibilidades.

Nas aulas de Educação Física escolar a separação entre os sexos não garante o sucesso, apesar de ser estratégia utilizada por quantidade significativa de professores. Darido (citada por SOUZA JUNIOR, 2003) em estudo realizado constatou que o professorado mostrava-se favorável à separação de turma nas aulas de Educação Física, tendo como critério a separação por sexo, o objetivo de tal atitude era homogeneizar as turmas, contudo ela conclui reconhecer as dificuldades desses professores por encarar uma situação que é fruto de um longo processo construído socialmente. Entretanto para se obter uma Educação Física Escolar mais democrática, as estratégias e as metodologias de ensino têm que estar pautadas no princípio da inclusão para minimizar essa problemática, pois tanto a separação de turmas por sexo como a discrepância de rendimento dos alunos acarretará no reforço a dominação masculina e o desrespeito ao espaço feminino.

As aulas de Educação Física escolar escancaram os problemas do preconceito existente na relação de gênero e quem sabe até reproduz conceitos da

sociedade, uma vez que é onde se encontra abundante dominação masculina, essa relação machista desconsidera os desejos e vontades femininas, fazendo com que meninos fortes do ponto de vista físico e motor “intimidem” de tal forma que congelem as tentativas femininas de oposição.

Tais constatações parecem justificar a carência da participação feminina nas aulas de Educação Física, contudo ao observar professores de Educação Física tem-se a idéia de elaborar princípios norteadores para ser seguidos em busca de uma educação mais igualitária, menos excludente, proporcionando as meninas não só uma aula ativa e sim a formação de conceitos e valores para a vida, pois apesar de toda desvantagem ainda encontrada pelas mulheres por serem tratadas como coadjuvantes na sociedade, elas estão conseguindo seu espaço e quem sabe até revertendo os papéis.

O contexto a ser observado serão as aulas de Educação Física de professores da rede pública de ensino, pois uma vez assumido que as diferenças de gênero colaboram para insucessos nas aulas citadas, principalmente quanto à participação ativa, as metodologias, estratégias, assim como os conteúdos utilizados serão observados e confrontados com as questões históricas culturais para se analisar o sucesso e insucesso de tentativas de atividades de coeducação.

3 METODOLOGIA

3.1 Caminhos da pesquisa

A pesquisa realizada teve como abordagem a metodologia qualitativa de caráter descritivo. As discussões serão baseadas em informações levantadas basicamente via duas fontes: observação das aulas de professores de Educação Física na escola e entrevistas realizadas com as alunas das respectivas aulas.

O desenvolvimento da pesquisa pode ser descrito em três fases: seleção dos professores observados; observação e entrevista das aulas das participantes da pesquisa; análise dos dados obtidos via observação e entrevista.

Dentre os critérios de seleção dos professores, teve-se a intenção de observar o trabalho de dois professores, que deveriam estar há mais de cinco anos na prática pedagógica. Segundo Tardif e Raymond (2000), as bases dos saberes profissionais parecem construir-se no início da carreira, entre os três e cinco primeiros anos de trabalho. Os professores deveriam lecionar no ensino público, cuja etapa de ensino deveria ser o Fundamental.

Alguns fatores foram relevantes para a escolha das escolas; a localidade das escolas devido a disponibilidade do pesquisador em comparecer para observação e entrevistas, o horário que esses professores cumpriam na escola, pois a disponibilidade de horário no período da pesquisa era escasso, sendo assim, algumas escolas não puderam atender as necessidades.

Foram visitadas no total cinco escolas públicas, e apenas duas atenderam aos requisitos. Primeiramente pediu-se autorização à direção, posteriormente solicitou-se a colaboração docente para a pesquisa, sendo esclarecido para ambos o teor da pesquisa e as necessidades para o uso da escola.

Para divulgação da pesquisa os professores e os alunos foram tratados com nomes fictícios, mantendo-se o sigilo de seus nomes, respeitando a identidade e o trabalho de ambos.

3.2. Instrumentos para coleta de informação

Foram utilizados dois instrumentos para coleta de informações. O primeiro foi a observação das aulas que teve caráter não participante, pois o pesquisador

ficou fora do grupo que observava fazendo as anotações relevantes para o estudo. As anotações foram feitas em diário de campo, seguindo a ordem do dia.

As observações foram realizadas no segundo bimestre de 2010. Foram observadas dez aulas da professora Hortência e oito aulas do professor Oscar.

Todas as aulas eram duplas, sendo que as aulas da professora Hortência ocorriam às quintas das 10:40 as 12:10, já as do professor Oscar na quinta-feira das 12:30 as 14:10.

Seriam doze aulas observadas de cada professor em seis dias, mas nos dias seis e treze de maio o professor Oscar não lecionou as aulas devido ao acompanhamento a jogos escolares e no dia 03 de junho não pude observar as aulas da professora Hortência devido ao feriado.

A segunda fonte de coleta de informação foi a entrevista. De acordo com as necessidades da pesquisa, utilizou-se como instrumento a entrevista semi-estruturada que, conforme Lüdke e André (1986) “se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações à sua realidade” (p.34)

Sobre a entrevista, ela foi aplicada somente para as meninas, pois teve o intuito de diagnosticar como elas interpretam as aulas de Educação Física sob a ótica da participação e relação de gênero. A primeira etapa para a entrevista foi a formulação das questões. As questões serviram como um ponto de partida, uma vez que a cada resposta das alunas foram dados vários encaminhamentos em busca de informações relevantes. Foi entregue a cada aluna o termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que os pais e elas tivessem consciência da etapa que seria exigida, sendo enfatizado que elas juntamente com os pais poderiam decidir ou não participar da entrevista. A última etapa foi a entrevista, que foi realizada individualmente, através de um gravador de voz, no espaço externo da escola, num local de pouco barulho, no momento da entrevista havia possibilidade de interrupção a qualquer momento para esclarecimentos, sendo que antes do início foram dadas informações sobre como seria a entrevista e pediu-se que as respostas fossem dadas da forma mais verdadeira, sendo garantido o sigilo.

Ainda, segundo Lüdke e André (1986):

Parece-nos claro que o tipo de entrevista mais adequado para o trabalho de pesquisa que se faz atualmente em educação aproxima-se dos esquemas mais livres, menos estruturados. As informações

que se quer obter, e os informantes que se quer contatar, em geral professores, diretores, orientadores, alunos e pais, são mais convenientemente abordáveis através de um instrumento mais flexível (p. 34).

Para interpretar as entrevistas utilizou-se a análise de conteúdos, onde procurou-se classificar as respostas em categorias para que retirasse delas as evidências que seriam úteis para o estudo.

Bardin (2009) discorrendo sobre essa técnica esclarece que “classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros. O que vai permitir seu agrupamento é a parte comum existente entre eles” (p.146).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos resultados será apresentada em duas etapas. Para que seja explorada a primeira etapa da pesquisa - a observação, dar-se-á foco para a transcrição de forma detalhada das aulas e baseado nisso, buscar-se-á discutir questões pertinentes ao tema. Na segunda etapa serão discutidos os conteúdos das entrevistas realizadas pelas meninas juntamente com os temas centrais observados nas aulas, sendo apresentada a discussão em forma de categorias.

4.1 Desvendando o contexto – Escola 1 – 6ª série

4.1.1. Aula 1

A primeira aula observada começou na sala, onde a professora discutiu conceitos sobre cultura rítmica corporal relacionando com as capacidades físicas. Após isso os alunos fizeram as tarefas relacionadas ao conteúdo da aula, entretanto havia muitas cópias e erros na apostila, procurei conversar com alguns alunos para diagnosticar o nível de aprendizado das atividades. Os alunos sabiam do que se tratavam as tarefas, mas por preguiça ou pressa, acabavam copiando ou errando. A professora deu visto nas atividades dos alunos, corrigindo-as junto com todos. Para finalizar a parte teórica a professora iniciou uma discussão para relacionar os conceitos aprendidos com a prática realizada. Os alunos se mostraram participativos, trazendo as experiências vividas para o contexto das aulas.

A segunda parte da aula se deu no imenso espaço que a escola possui, contendo quadra coberta, equipamentos para tênis de mesa, quadras de vôlei e uma área gramada que possibilita várias práticas. Essa aula teve vários conteúdos. Na quadra coberta ficaram as pessoas que queriam jogar futebol, algumas crianças preferiram o tênis de mesa, outras pular corda. A professora deu certa autonomia para os alunos se organizarem para as atividades. Os primeiros a jogar foram os meninos, eles se organizaram mais rápido e começaram o jogo, após alguns minutos que a professora estipulou houve a troca, as meninas começaram a jogar, entretanto essa harmonia não prevaleceu até o fim, uma vez que os meninos achavam maiores merecedores do tempo e espaço, alegavam que as meninas não sabiam jogar e que estariam atrapalhando. As meninas por outro lado resistiram às tentativas masculinas e brigaram pelo espaço. Essa aula houve certo tumulto nas

relações, entretanto houve igualdade nas condições, a professora procurou intermediar as discussões para manter a igualdade e confessou que talvez uma pessoa externa observando tenha impulsionado as atitudes femininas, pois as ações apresentadas foram diferentes das encontradas em aulas anteriores.

Essa aula demonstrou a insatisfação masculina em dividir o espaço de aula, o contexto anterior parece ser todo dominado pelos meninos, sendo assim, ao deparar com a necessidade de divisão iniciam comportamentos de insatisfação, forçando as meninas a desistir do jogo. Para Bourdieu (1999) comportamentos como esse pode ser indícios de uma força simbólica que “é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física”. Para exercer tal força simbólica os meninos insistiram em falar para as meninas que elas não sabiam jogar o futebol, tentando inibir as ações femininas e provocar uma sensação de vergonha nelas, agindo diretamente no aspecto físico e motor que nesse momento estavam relacionados.

Saraiva (2002), analisando a diferença entre os gênero diz que a Educação Física escolar contribuiu para masculinizar o desporto e feminizar as atividades rítmicas, socializando corpos femininos e masculinos, entretanto separando-os. Essa cultura existente no ambiente escolar insere modelos pré-determinados, não são raras as vezes que alunos utilizam de comparação com turmas mais velhas para reforçar seus argumentos, entretanto essa condição foi construída ao longo do tempo, portanto problematizar essas questões com os alunos ampliará o entendimento discente dessas temáticas e possivelmente introduzirá novos conceitos que poderão mudar atitudes.

4.1.2. Aula 2

A segunda aula observada começou também na sala, isso foi um marco, a professora usava geralmente trinta por cento do tempo em sala, para aplicar conceitos e tarefas da apostila. Nessa aula os alunos conversavam muito e a professora solicitava o silêncio constantemente, quando conseguiu começou a correção de uma prova e iniciou uma conversa sobre o tema Bullying, sendo que a professora contextualizou algumas situações e explicou valores que tem que estar presentes para que não haja o preconceito e discriminação ao colega, discutiu a inclusão de um aluno deficiente que há nessa sala, há bastante harmonia e amizade

entre os alunos dessa classe e o cadeirante, demonstrando a quebra de preconceitos muito visto na nossa sociedade com esse público, entretanto quando o assunto foi o desrespeito dos meninos com as meninas houve poucos comentários, pois prevaleceu um silêncio. A professora reforçou a necessidade dos meninos tratarem as meninas com igualdade e respeito.

Após esse período os alunos foram à quadra e fizeram uma parte de aquecimento onde correram em volta da quadra e formaram uma roda central para alongamento, a professora dividiu a turma de acordo com o sexo, sendo que os meninos começaram a atividade de futebol. A melhor capacidade de organização masculina foi o ponto principal para que eles comesçassem as atividades, outro fator que colaborou foi o interesse pela atividade, enquanto os meninos disputavam o espaço nas equipes, as meninas dialogavam para descobrir quem por ventura estava com vontade de participar, sendo necessária a insistência das alunas mais motivadas para que houvesse quantidade suficiente de meninas. Observou-se que as meninas começaram jogando sete contra sete, não importando com regras, técnica ou tática e com menos alusões competitivas. Como houve alternância de utilização da quadra no segundo momento destinado as meninas apenas dez das quatorze anteriores voltaram para atividade. No terceiro momento destinado as meninas, houve uma resistência masculina em ceder o espaço da quadra, sendo assim, houve disputa pela mesma, sendo solicitada a professora a intervenção para que fosse cumprido o combinado, com isso as meninas utilizaram a quadra no momento final. Antes da intervenção docente observou-se que os meninos sentem-se donos da quadra, ignorando qualquer argumento feminino. Após o fato alguns meninos próximos exageravam nos comentários preconceituosos quanto a participação feminina na aula.

No início da aula foi perceptivo o incômodo causado pelo assunto abordado pela professora, a maioria dos alunos não se sentiu a vontade para comentar essa relação, sendo que foi visível um embate existente entre os sexos que parece ser difícil de ser resolvido.

Novamente os meninos tentaram impor autoridade para tomar conta da aula, isso mesmo após ter sido combinado o tempo de quadra para cada sexo, eles parecem não aceitar tais igualdades, as meninas resistiram mais uma vez, entretanto percebe-se que poucas meninas entendem a importância da atitude,

sendo que a maioria cede às pressões masculinas, cabendo as porta-vozes femininas a função de lutar pelos direitos. De qualquer forma, tal atitude torna-se invejável devido ao contexto que ela ocorre. Bourdieu (1999) defende que:

As injunções continuadas, silenciosas e invisíveis, que o mundo sexualmente hierarquizado no qual elas são lançadas lhes dirige, preparam as mulheres, ao menos tanto quanto os explícitos apelos à ordem, a aceitar como evidentes, naturais e inquestionáveis prescrições e proscricções arbitrárias que, inscritas na ordem das coisas, imprimem-se insensivelmente na ordem dos corpos. (p. 71)

Através das constatações nas aulas, pode-se dizer que os fatores históricos culturais ditam as normas nas aulas de Educação Física, sendo que há uma “atmosfera” positiva para os meninos e uma desvantagem feminina, que distancia os sexos e confirmam os estereótipos de homem com poder e mulheres passivas e esse processo percorre as aulas na maioria das vezes de forma silenciosa.

Jesus e Deive (2006) atentam para os processos históricos para educar os sexos:

Ao longo da História, as mulheres recebem um tratamento desigual em relação às oportunidades na vida social, gerando um desequilíbrio no desenvolvimento social de homens e mulheres: os primeiros educados para a vida pública enquanto elas são educadas para a vida privada. (p.5)

Essa vida privada pode ser caracterizada por ambientes menos numerosos e mais domiciliares, sendo assim a dificuldade encontrada por meninas na participação e equidade nas aulas de Educação Física tem raízes na cultura, que pode ser modificado no presente momento para que o privilégio masculino nestas aulas seja minimizado e mais do que isso seja rediscutido o processo de construção histórico-sociais das representações dos corpos na sociedade.

Já sobre a questão das atitudes masculinas relacionadas ao domínio do espaço, Jesus e Deive (2006) afirmam que quando há separação da turma para as atividades de Educação Física escolar, os meninos tendem a dominar o espaço físico da quadra.

Através das aulas observadas, percebe-se que essa separação existente desvirtua a ideologia de igualdade, imagina-se que um dos fatores além da possível facilidade em trabalhar separado, seja a de dar direitos iguais aos sexos, uma vez que a interação entre eles é tratada preconceituosamente pelo discurso errôneo da biologia dos corpos. Errôneo, pois acredita-se que a Educação Física escolar não

deve ser caracterizada pelo rendimento, sendo assim, a diferença biológica pode ser minimizada com diversas atividades cooperativas, por exemplo. Entretanto, tal atitude colabora com a discrepância na participação da aula, pois os meninos pelo entusiasmo intrínseco e rapidez na organização exercem ferramentas de domínio para que as meninas vivenciem menos as aulas e assim dominam o espaço, sendo os “donos” da aula.

4.1.3. Aula 3

Na aula seguinte houve uma parte teórica na sala, onde foi entregue relatórios e discutido a tarefa realizada, após esse momento os alunos foram direcionados para a quadra e novamente a sala foi dividida em duas, o sexo foi o responsável pela divisão. Os meninos começaram a atividade de futebol, essa aula teve caráter livre, onde os alunos decidiam o que fazer, a professora disponibilizou materiais. Os meninos passaram a maior parte do tempo jogando futebol, as meninas em rodas de vôlei, em determinados momentos trocava-se o espaço e as meninas utilizavam a quadra, elas preferiram jogar futebol e observou-se níveis satisfatórios de habilidade motora, sendo que novamente algumas meninas ficaram de fora e alegavam sempre algum problema de ordem física para ausentar-se das práticas. A aula transcorreu naturalmente, o único fato que ocorreu, foi que alguns meninos atrapalharam as meninas nos instantes que eles estavam em quadra, entrando na quadra e pegando a bola, o contrário nunca aconteceu.

4.1.4. Aula 4

A quarta aula observada começou na quadra, o conteúdo foi o basquete. A professora começou com aquecimento e alongamento e logo após formou filas para os exercícios analíticos e combinados. Importante destacar que nessa aula houve interação entre os sexos, pois a professora deixou os alunos livres para a escolha das filas. No decorrer das atividades observou-se que as meninas reclamavam da forma como os meninos passavam a bola para elas, alegando muita força e até falha na pontaria, percebeu-se que elas queriam bolas mais suaves e na direção delas e eles demonstraram maior virilidade, não se preocupando com a precisão, havia, portanto um menosprezo dos meninos com as meninas. Em outras filas que tinham apenas homens, os mais habilidosos também agiam da mesma forma. Após

exercícios analíticos em que era necessário apenas a execução de um fundamento a aula foi direcionada para exercícios combinados, onde mais de um fundamento era exigido, nessa atividade houve muita confusão, pois os alunos não concentravam nas orientações docentes, sendo assim houve erros de execução e a professora teve que corrigir a todo momento. Observou-se que as meninas estavam mais concentradas na atividade, mesmo assim tinham dificuldade no driblar e arremessar do basquete. A falta da técnica do movimento aliada a falta da força colaborou para o insucesso feminino enquanto desempenho, contudo, elas saíram mais sorridentes com o conteúdo do que os meninos, parecendo estar mais abertas às possibilidades além do futebol.

Essa aula trouxe alguns fatos novos, por exemplo, a tentativa docente da coeducação, pois meninos e meninas interagiam numa mesma atividade de forma que pudessem adquirir habilidades motoras requeridas no basquete, entretanto ficou nítido que meninos menosprezavam o “Se-Movimentar” feminino e o docente ao deixar passar algumas situações conflitantes entendendo as como “naturais” (no sentido de culturais), estas práticas mistas podem, na verdade, estar contribuindo para reforçar a cultura sexista já existente (DARIDO, SOUZA JUNIOR, 2003).

4.1.5. Aula 5

A aula seguinte foi a última observada e deu-se sequência ao basquete. A aula transcorreu em forma de jogo, a sala foi dividida por sexo, apenas cinco meninas aceitaram jogar, sendo que as outras fizeram outras atividades, como tênis de mesa, vôlei, fora do espaço da quadra. Os meninos começaram o jogo e ocuparam o espaço a maior parte do tempo total da aula, já as meninas que ocuparam o restante do tempo tiveram dificuldades no andamento do jogo do basquete, a professora começou corrigindo a todo momento, entretanto percebeu-se que não estava havendo jogo, com isso deixou elas jogarem livremente para ter a vivência, apesar dos erros elas mostraram alegria e motivação na aula. Enfim a aula teve poucas incidências e os meninos mais uma vez dominaram naturalmente a aula.

4.2 Escola Número 2 - 8ª série

4.2.1. Aula 1

Nessa escola observei a turma de oitava série, que por sinal era muito numerosa. A primeira aula observada começou com atividades na apostila do estado, em que foram discutidas as manifestações corporais da cultura. Após esse período os alunos se dirigiram ao espaço da quadra e a turma foi dividida em duas, o professor deu autonomia para os alunos escolherem quem seria o primeiro a utilizar a quadra, o conteúdo da aula foi apresentado num local com tatames adaptado e que cabia metade da turma, houve a divisão por sexo e foi decidido que as meninas ficariam na quadra se organizariam por si e realizariam a atividade escolhida e os meninos ficaram nesse espaço mencionado. A aula foi sobre postura, onde foram abordadas pedagogicamente diversas situações práticas onde são exigidos movimentos da coluna vertebral, sendo assim explorou as regiões das colunas, foi dado ênfase para a prevenção de patologias e aquisição de posturas desejáveis, de um modo geral foram os alunos que construíram a aula, sendo o professor um direcionador das idéias. O professor buscou apresentar vivências úteis para a vida dos alunos e a todo instante solicitada a ação dos alunos, buscando unir a teoria com a prática. Na segunda parte foram as meninas que participaram da aula sobre postura, o modelo de aula seguiu o mesmo, o professor organizou as atividades de modo pedagógico e as alunas prestaram atenção realizando as práticas requeridas. Um fato interessante foi que no momento em que o professor pediu sugestões de situações vividas pelas alunas fora da escola para exemplificar na aula, ficou claro que o estereótipo ainda prevalece, pois as atividades domésticas foram as mais citadas.

A diferenciação das tarefas executadas por cada sexo ficou evidente na aula, o professor solicitando exemplos de atividades executadas confirmou que ainda há atividades que inconscientemente dominam cada sexo.

4.2.2. Aula 2

A segunda aula observada começou na sala, seguindo a apostila da secretaria da educação o professor trabalhou com o futebol, falando do futebol de várzea, trouxe fotos da cidade de Rio Claro antes da urbanização, resgatando a

memória esportiva da cidade e mostrando um pouco da evolução, finalizou com uma breve discussão do motivo da escassez de espaços públicos para prática do futebol.

Após essas atividades os alunos foram para a quadra, as meninas foram separadas dos meninos e utilizaram espaço atrás da quadra para realizar fundamentos técnicos de futsal, enquanto os meninos jogavam, após múltiplas variações de fundamentos, as meninas trocaram com os meninos e jogaram o futsal. Dentre as principais curiosidades, nota-se que as meninas em sua maioria participaram da parte técnica, apresentando boa qualidade na execução e quando foram para a quadra algumas ficaram sentadas desde o início, sendo que após algum tempo outras seguiram o mesmo caminho, entretanto o início da atividade foi interessante, pois apresentou um jogo de futsal mais volumoso, em que cada equipe continha oito meninas, esse fato foi encarado naturalmente por elas, ao contrário de meninos que exigem que a prática fosse mais próxima do esporte institucionalizado.

As meninas mostraram obediência e qualidade na primeira parte, sendo que na segunda ao ganhar liberdade para jogar o futebol praticaram livremente o desporto, entretanto a motivação na aula diminuiu rapidamente, com isso poucas meninas terminaram a atividade, assumindo assim, a posição de expectadoras.

Um dos fatos curiosos dessa aula foi a negação das regras preestabelecidas pelo esporte institucionalizado, as meninas parecem ressignificar essas regras, portanto percebe-se que elas estão menos “contaminadas” pela determinação federativa dos esportes, conseguindo recriar o jogo através das suas necessidades.

Esse fato pode ser mais um dos motivos da dificuldade na coeducação, pois os meninos parecem não enxergar os esportes de outra forma, portanto os olhares destoam e a flexibilidade masculina inexistente, pois o modelo vigente privilegia seus interesses em aula e qualquer abertura para mudança colocaria em risco a supremacia natural e privilegiada que lhes pertence.

4.2.3. Aula 3

A terceira aula observada teve apenas a tradicional chamada na sala e todo resto foi na quadra. Nessa aula o professor veio com a proposta de aula livre juntamente com o pintar a escola, portanto a turma foi dividida por sexo, sendo que cada grupo tinha metade do tempo para escolher a atividade que preferir realizar. As

meninas começaram na quadra, optaram pelo futsal, observou-se que poucas meninas participaram da atividade, na outra parte os meninos se organizaram para pintar uma parte da escola, as tarefas foi gerenciada pelo professor, e os alunos colaboraram, dando cada qual sua contribuição para embelezar os muros da escola. Após algum tempo houve a troca, as meninas vieram para a tarefa de pintura, a maioria participou, encarando com naturalidade a tarefa e mostrando habilidade para a atividade. Portanto, a aula teve um componente diferente que foi assimilado de forma positiva pelos alunos.

A naturalização com que as meninas encararam a tarefa de pintar proporcionou admiração, o professor parece direcionar os alunos para que haja igualdade nas atividades e tarefas. Essas atividades ditas como masculinas foram realizadas pelas meninas sem resistências e a forma como o processo se deu abriu possibilidade para que todos exercessem as atividades. Interessante mencionar que o avanço nesse sentido poderia ser ampliado em forma de discussão para que os envolvidos percebam a evolução vivenciada.

4.2.4. Aula 4

A quarta aula observada foi um ensaio para a festa junina, o professor levou os alunos para a quadra e pediu para todos participarem, organizou os pares e motivou para o ensaio. Essa aula de ritmo teve muita aderência feminina, sendo que a maioria dos meninos ficou de fora, algumas meninas formaram duplas devido a falta de meninos. O que mais foi ouvido nessa aula foram os meninos argumentando negativamente sobre a participação na atividade. Esses comentários deixavam perceber certa insegurança masculina para se expor na dança, que acabava por inibir a vontade de estar lá, entretanto motivos como falta de afetividade com as possíveis pares, motivos estéticos e até preconceitos com o conteúdo dança apareceram na fala dos meninos. Por outro lado, as meninas dominaram a aula, sendo as maiores participantes.

Através dessa observação conclui-se que o sexismo ainda prevalece nas aulas de Educação Física escolar, se por um lado as tarefas esportivistas são plenamente agradáveis aos homens, as atividades rítmicas conferem sorrisos predominantemente femininos. Saraiva (2002) esclarece essa questão quando aponta que o componente emocional e expressivo que a dança proporciona exige

arranjos de gênero que custam mais aos homens do que as mulheres, isso tudo pensando no modelo de sociedade, já no futebol acontece o contrário.

4.3 Discussão (Observação X Entrevista)

Tentou-se através das entrevistas extrair das alunas como elas se sentem devido as situações vividas, sendo assim, as perguntas foram direcionadas de modo a ouvir delas se há no contexto das aulas de Educação Física apenas aulas separadas por sexo; se elas concordam com isso; como elas vivenciam a relação entre gêneros fora da escola pensando na atividade física; como elas percebem a inatividade feminina.

Após realizar todas as entrevistas e registrá-las em documentos, decidiu-se agrupar os conteúdos da mesma com as das aulas observadas para que fossem criadas categorias para direcionar as discussões, sendo assim as interpretações tiveram como base os referenciais teóricos, aulas observadas e conteúdos das entrevistas femininas. Temos, então, a separação dos temas mais relevantes para discussão.

4.4. Separação das turmas por sexo

As alunas parecem não acreditar na possibilidade de aulas coeducativas, ao serem questionadas sobre o que achavam dos modelos de aulas separadas, as respostas beiraram a unanimidade, sendo que a força masculina apareceu como argumento para que elas não compartilhassem das mesmas atividades.

Uma das meninas disse que preferia esse modelo, “porque os meninos jogam bola mais forte e as meninas são mais delicadas”. Essa afirmativa infere que há um receio nesse contato, talvez por medo da diferença física existente, como se a coeducação necessariamente só seguisse o caminho do rendimento.

Para elucidar sobre a origem desse “receio”, Abreu (1992) pontua que, a infância da criança é marcada por meninos com tempo livre para exercer brincadeiras e meninas sendo solicitadas pelas mães para afazeres domésticos.

Esse direcionamento das atividades acaba por aumentar a diferença dos sexos, não só por deixar um sexo mais hábil que o outro, mas também por reforçar o modelo existente, sendo assim, meninos são educados para interagir com meninos, desenvolvendo a força necessária para tais ações.

Já as interações com as meninas são abolidas do contexto masculino, em não tendo esse contato falta a noção dos cuidados exigidos nesse momento, sendo assim, os caminhos traçados pelo contexto e que determinam os comportamentos de meninos e meninas são dificultadores do processo coeducativo.

Contudo, será que a escola deve seguir esse modelo familiar? Será que os escolares realmente têm consciência do por que acontece dessa forma? O processo histórico cultural deve determinar as formas de ser menino e menina?

Baseado em evidências da entrevista e observação parece haver um conformismo feminino que inibe as ações de resistência. A maioria das meninas afirmou não visualizar a possibilidade de aulas com os meninos, preferem atividades só com as meninas, uma delas explicou que “os meninos são mais fortes que as meninas, assim, daí eles ficam mais com a bola, não tocam”.

A exclusão na participação parece ser uma preocupação delas nas aulas mistas, sendo assim, preferem o espaço próprio, mesmo sendo menor, como na aula 5 da escola 1, em que os meninos ocuparam setenta por cento do tempo da aula e as meninas o restante. Portanto o ímpeto masculino une-se a “timidez corporal” feminina (Louro, 1997), para ditar as “normas” nas aulas de Educação Física escolar. Entretanto, a escola que deveria ser um espaço democrático, que incitasse reflexões e formasse cidadãos críticos, parece reproduzir os modelos de sociedade, barrando as possibilidades de transformações de contexto.

Outra aluna alegou que “eles (meninos) são muito mal educados, cavalos, fortes”. Atitudes como as observadas na aula 4 da escola 1, cujo conteúdo foi o basquete podem ser indicativos desse descontentamento feminino. Nessa aula os meninos abusaram de menosprezar as meninas, pois nas atividades de interação eles exageraram na força (atiravam a bola de forma desrespeitosa), nos efeitos ao jogar a bola (colocavam dificuldades na trajetória para dificultar a recepção feminina). Portanto na maioria das subjetividades femininas percebe-se que a distância afetiva entre os sexos é grande, sendo assim, há carência de valores envolvidos no processo educacional, esses problemas são escancarados nas aulas

de Educação Física, pois observa-se que a dicotomia entre os componentes (meninos e meninas) da aula continua, sendo premissa para uma boa aula a separação por sexo.

As constatações feitas confirmam as análises realizadas por Jesus e Deivide (2006), que interpretaram as representações discentes nas aulas de Educação Física. Segundo eles:

[...] “Quando as meninas estão sozinhas, elas têm uma coragem maior de tentar jogar” (Michelly); ou como ressalta Mayara: “Eu prefiro as aulas separadas, porque *os garotos são muito brutos*” [grifo nosso]. O mesmo quadro foi encontrado por Andrade (2005), sobre as representações sociais de alunas do ensino médio sobre a sua auto-exclusão nas aulas de Educação Física, quando identificou a brutalidade dos alunos em relação às alunas como um dos elementos constituintes das representações sociais das alunas que contribuíam para a sua auto-exclusão das aulas. (p.10)

Com isso pontua-se que as relações de gênero no ambiente escolar estão permeadas de obstáculos, que o processo histórico contribuiu para construir e que a sociedade desenvolveu para dificultar a aproximação dos sexos.

4.5. Supremacia esportiva

O esporte aparece como o principal conteúdo das aulas. Na fala discente há forte relação desse conteúdo com a Educação Física. Isso permite acreditar que a visão dos alunos limita-se na proporção que as vivências relacionadas às aulas de Educação Física escolar são permeadas do esporte. Portanto, não conseguem enxergar além desse conteúdo dominado no universo escolar.

Para confirmar essa supremacia, na escola 1, todas as aulas observadas tiveram o esporte como conteúdo. O esporte é encarado por muitos estudiosos como um dos fenômenos sócio-culturais com maior evidência na atualidade, portanto, as solicitações desse conteúdo na escola ganha força. Todavia, historicamente, o esporte na sociedade ocidental nem sempre foi um espaço democrático (BRACHT, 2005).

A intervenção pedagógica aparece como um caminho para ressignificá-lo na escola, pois o esporte será o que se fizer dele e o caminho da institucionalização não pode ser seguido pelos educadores, esse caminho exige rendimento, que geralmente vem acompanhado de repetições, negando as possibilidades de reflexão. Outro aspecto negativo é que possivelmente o esporte demonstrará as

diferenças entre os sexos, sem contar a dificuldade encontrada para adaptar o conteúdo na perspectiva coeducativa.

Saraiva (1999) discorrendo sobre a temática ressalta que:

Torna-se importante trazer para o campo das discussões e possibilidades pedagógicas as questões [...] como: os papéis sexuais estereotipados, os anseios irracionais de dominação dos homens, a opressão tradicional da mulher e, principalmente a ameaça ao direito de melhores condições e igualdade dos seres humanos no esporte e na educação física. (p. 181)

Essas discussões propostas por Saraiva (1999) trariam uma instabilidade positiva para os escolares, uma vez que, seriam confrontados os valores que cada um leva para a escola e os valores que seriam ideais para a convivência entre os sexos, sendo que os comportamentos a partir dessa provável tomada de consciência estariam mais próximos dos desejados nas aulas de Educação Física.

A forma de encarar a Educação Física deve ser reformulada. Após reconhecer as multiplicidades culturais existentes na escola, conferindo a diversidade de interesse, deve-se pensar numa proposta ampliada. Darido e Souza Junior (2008) defendem que:

O professor deve partir sempre do pressuposto de que a aula de educação física não visa o rendimento, e deve deixar isso claro para seus alunos, valorizando as diferentes formas de expressão, ou seja, não é porque um aluno não possui uma habilidade refinada no futebol que ele deve ser tratado de forma inferiorizada nas aulas; muitas vezes esse aluno possui uma maior afinidade com outros componentes da cultura corporal, como as lutas ou a dança, por exemplo. Assim deve-se não apenas respeitar as diversas manifestações de cultura corporal, mas também mostrar aos alunos que é importante valorizar essas diferentes formas de expressão. (p. 22)

Sendo assim, a Educação Física não estaria interessada em promover momentos de glória para determinados atletas habilidosos, muito menos formar heróis olímpicos e sim dar oportunidade de vivências múltiplas de práticas relacionadas as manifestações corporais. Com essa mudança de mentalidade, as aulas poderiam aproximar meninos de meninas, podendo até dentro das múltiplas possibilidades usar o esporte como conteúdo, entretanto ressignificando-o e proporcionando momentos prazerosos para todos participantes da aula.

Ao questionar as meninas sobre as atividades físicas realizadas no contexto escolar, houve supremacia da palavra “jogar” nas respostas, remetendo sempre ao

jogar algum esporte, sendo assim a concepção de Educação Física parece estar distorcida. A amplitude de visão discente está reduzida, pois apesar de vivenciarem outras atividades, como na aula 1 e 4 da escola 2, em que o conteúdo foi postura corporal e dança, respectivamente, não citaram nenhum desses conteúdos na entrevista.

Entretanto, percebe-se que o esporte na escola toma a forma do esporte institucionalizado, sendo assim, o resultado é mais valorizado que quaisquer ações interativas, caracterizando-o como seletivo e de rendimento.

A maioria dos alunos atua como figurante nessas aulas recheadas de esporte, pois ao papel principal são conferidas poucas vagas, que são preenchidas pelos que sobressaem técnica e fisicamente sobre os demais.

Com isso o ambiente escolar proporciona o incremento de atitudes mais viris de alguns meninos no momento de interação nas atividades, como foi observado na aula 4 da escola 1, em que houve abuso da força de alunos no momento de troca de passes no basquete. Silva, Botelho Gomes e Goellner (2008), que estudam a fundo a relação de gênero ressaltam que:

No desporto, embora as moças e as mulheres enfrentem, frequentemente, ambientes pouco acolhedores, e mesmo inibidores, a uma participação plena, os rapazes e os homens são também compelidos por uma masculinidade hegemônica a apresentar condutas, padrões corporais e de movimentos que corroborem a viril masculinidade. (p. 2).

Essas “marcas” simbólicas (BOURDIEU, 1999) ocorrem constantemente no ambiente escolar, sendo realizadas pela minoria masculina e formando um “pelotão de frente” que direciona os demais para determinadas atitudes, isso tira o caráter democrático da escola e determina as formas de se comportar dos corpos nas aulas de Educação Física.

Esse fato permite perceber que há uma tentativa de demarcar a masculinidade, para isso meninos através do corpo demonstram a capacidade de gerar força, sendo assim, as pessoas ao redor, sejam meninos ou meninas, percebem a virilidade contida no ato e desaprovam as atitudes.

Nessa mesma aula em outro momento, as meninas realizavam livremente alguns exercícios do basquete, com isso observou-se a satisfação delas em participar da atividade, podendo ter o contato com o esporte e vivenciando possibilidades de progressos. Portanto, apesar da supremacia masculina, as

meninas parecem conceder mais sentido as atividades, pois encaram com menos rigor, tem espírito esportivo, não se importam tanto com a perfeição no resultado e sim com o processo de execução, essa característica pode inclusive possibilitar a crença que as meninas estão anos mil à frente na relação entre os sexos, pois elas respeitam sem ser respeitadas.

Contudo, Bourdieu (1999), ressalta que há uma lógica essencialmente social que é capaz de:

[...] produzir tais encontros harmoniosos entre as disposições e as posições, encontros que fazem com que as vítimas da dominação simbólica possam cumprir com felicidade (no duplo sentido do termo) as tarefas subordinadas ou subalternas que lhes são atribuídas por suas virtudes de submissão, de gentileza, de docilidade, de devotamento e de abnegação. (p.73)

Tal afirmação seria suficiente para explicar as atitudes de passividade em que acontecem as situações de dominação, entretanto não se pode aceitar tais “virtudes” femininas, pois elas colaborariam para colocar a mulher em degraus inferiores em relação ao homem e já que nossa história está sendo escrita constantemente, pode-se dar outro encaminhamento para ela nesse “conto”.

Mas será que a Educação Física deve ser para poucos? Quais resistências estão sendo oferecidas para essas práticas seletivas? A cultura escolar deve ser determinante para que o contexto não seja questionado?

Na fala e atitudes femininas não há grandes descontentamentos com a situação atual, mas para o status da disciplina é inaceitável tal cenário, a Educação Física escolar deve contemplar a todos e a todas.

Portanto, a intervenção pedagógica docente ganha notoriedade nesse sentido, pois o professor tem influência na aprendizagem dos alunos, os conteúdos devem ser preparados para desenvolver as competências de ambos os sexos. Com isso o desafio docente é introduzir novos desafios para a aula em busca da possível interação dos sexos. A mudança da cultura esportivista deve ser iniciada, pois a amplitude de possibilidades na Educação Física não pode ser desconsiderada.

4.6. Contexto escolar

O contexto escolar está amplamente dominado por estereótipos de sociedade, que vão ganhando forma ao longo do tempo e se confirmam nas práticas

nesse ambiente educacional. As escolhas durante a vida dependem dos influenciadores, sendo assim a cultura na qual as pessoas estão inseridas colaboram para direcionar suas atitudes. Na aula 1 da escola 2, em que houve exploração do conteúdo postura corporal, percebeu-se que as atitudes mencionadas por ambos os sexos para serem exemplificadas durante a aula, confirmaram o modelo existente, pois os meninos citaram atividades dinâmicas como arremessar, correr, saltar, enquanto as meninas trouxeram para a aula atividades predominantemente domésticas.

As aulas observadas, apesar de serem separadas tiveram a dominação masculina, pois eles conferem mais sentido para atividades esportivas e tem maior capacidade de organização, pois sobram alunos para jogar, já as meninas se organizam lentamente e precisam da ajuda do professor.

Já na aula 4 da escola 2, cujo conteúdo era a dança, a maioria dos meninos ficaram inibidos na atividade fazendo com que muitos não participassem, por outro lado, as meninas dominaram essa atividade, encarando-a de forma espontânea.

Romero (1994) ajuda a entender esses acontecimentos admitindo que os comportamentos de homens e mulheres sofre influência da cultura na qual está inserida. Com isso antes de dar a luz, as expectativas dos pais modelam o caminho a ser percorrido pela criança, caminho esse permeado de reproduções, que faz a criança ser projetada para o “inovador” cenário da mesmice.

Para confirmar essa realidade, o exercício de resgatar o contexto doméstico demonstrou o quão natural os alunos vêem o determinismo sociocultural, naturalidade que tem mais a ver com a força da cultura e que passa despercebido no ambiente ideal para a transformação. Portanto será que esses fatos incomodam para os que vivenciam o contexto educacional, ou essa questão fica apenas em segundo plano?

Esse estudo não possibilita tais respostas, entretanto o fato das aulas ocorrerem com separação dos sexos parece ser a fórmula encontrada para que o conteúdo da aula seja melhor explorado. Tais atitudes impossibilitam a interação entre os sexos. Darido (2003) atenta para o fato de que essa separação por sexo, muitas vezes não é decisão exclusiva do professor ou professora. Há casos que a comunidade escolar determina essa separação, ou seja, diretores coordenadores, etc. Portanto o objetivo do estudo está longe de criticar esse modelo, pois concorda-

se que o ambiente educacional passa por um momento de crise e talvez outras questões estejam elencadas a frente dessa, entretanto pretende-se discutir sobre essas questões com intuito de encorajar docentes a trilhar outros caminhos e tentar a coeducação como forma de mudança de ideologia, pois acredita-se que muitos dos modelos vigentes passam “invisíveis” na sociedade e essa invisibilidade tira a oportunidade de enxergar alternativas de transformação.

Portanto, o contexto observado impossibilita a reflexão sobre o modo de se comportar dos alunos. Souza Junior (2004) que muito refletiu sobre a relação de gênero acredita que a problematização é o caminho para que meninos e meninas reflitam a respeito dos fatos que ocorrem em aula, sendo assim, pode-se iniciar um processo de reestruturação no relacionamento entre eles, revertendo a habitual naturalização dos fatos.

E o fato das turmas serem separadas dificulta discussões no sentido de questionar o porquê das determinações das atividades, impedindo o real entendimento de como as diferenças foram construídas.

Contudo, se o modelo vigente não for questionado provavelmente ele predominará sem quaisquer implicações na percepção discente. Para a maioria dos alunos não há outro caminho, o se sentir bem tem muito a ver com a continuação do binarismo entre o masculino e feminino, entretanto um caminho viável para a desconstrução desse binarismo é através de práticas coeducativas, que problematizam as discontinuidades nas representações do feminino e masculino presente nos novos espaços utilizados por mulheres (espaço público, trabalho profissional) e homens (espaço privado, cuidar dos filhos). (LOURO, 2003).

Portanto a relação entre os sexos deve-se alcançar grandes evoluções para que não continue esse caos, pois as representações estão cada vez mais entrelaçadas e a grande contribuinte para a interação harmoniosa seria a escola, onde meninos e meninas estão em constante interação e isso potencializa as possibilidades de reflexões acerca da temática.

E um dos grandes problemas de continuar como está é o legado que a escola estará propiciando. A cultura permanecerá estável, sendo as práticas apenas reproduzidas, os alunos não terão a oportunidade de experienciar outras vivências e as aulas de Educação Física perderão a oportunidade de trabalhar com a cultura corporal do movimento.

Sendo assim, parece que nas aulas de Educação Física os determinantes socioculturais que vem dos momentos anteriores a escolarização determinam o comportamento desses alunos e a cultura que a escola constrói não difere das vivenciadas fora dela, com isso há um vazio nesse espaço e um paradoxo é criado; pois se por um lado “a Educação Física na escola deveria propiciar condições para que os alunos obtivessem autonomia em relação à prática de atividade física” (DARIDO, 2004), por outro essa autonomia nunca é incentivada, pois os modelos são reproduzidos e cada sexo “recebe” as diretrizes a seguir, impossibilitando o desenvolvimento da capacidade de escolha. Isso colabora para dificultar a relação de gênero nas aulas mencionadas, pois essa mesma cultura delimita os espaços que o feminino e o masculino deve ocupar.

5 CONCLUSÃO

A pesquisa teve como objetivo a observação das relações de gênero presentes nas aulas de Educação Física escolar e através disso investigar a inatividade feminina, analisando se ela existe; de que maneira as próprias alunas se excluem das aulas e por quais razões esse processo ocorre.

O caráter da pesquisa foi qualitativo e descritivo. A metodologia baseou-se na observação de aulas; entrevista com as meninas e análise dos resultados.

Essa pesquisa permite concluir que as meninas são menos ativas que os meninos nas aulas de Educação Física escolar. Os professores utilizam a técnica de separação de turmas por sexo para incluir as meninas nas atividades, mesmo assim, os meninos se organizam mais rapidamente e aproveitam melhor o tempo cedido a eles.

Com isso, o comportamento feminino assume papel de coadjuvante no momento das aulas, pois utilizam menos o tempo e o espaço, assemelhando-se ao cenário desfavorável já superado que as mulheres viveram na história.

Observou-se que as meninas são constantemente “convidadas” a participar das aulas. Esse mecanismo é utilizado pelo professor, pois caso contrário grande parte das meninas ficariam sentadas. Já os meninos “brigam” pelo espaço e por vezes entre si para ocupar a quadra, já que excede o número de meninos querendo participar das atividades.

As meninas se excluem das atividades por não conferir sentido a esse momento, preferem rodinhas de bate papo, portanto a intervenção pedagógica foi o ponto crucial para incluí-las nas atividades. Foi evidente que, poucas meninas apresentaram motivações intrínsecas para os momentos de aula.

Houve poucas aulas com interação entre os sexos. Constatou-se que ambos os sexos negam essa interação, os meninos desrespeitam as meninas e aplicam mecanismos simbólicos para inibi-las, já as meninas reclamam da força masculina e da falta de respeito deles, portanto conclui-se que a relação de gênero de forma

positiva em que haja uma construção harmoniosa entre os sexos inexistente no universo do movimento nas aulas de Educação Física observada.

Constatou-se que práticas coeducativas não estão sendo realizadas, portanto essa problemática de gênero nas aulas de Educação Física escolar parece não preocupar o universo escolar. Para que esse cenário seja revertido, o esforço deve partir dos docentes dessa disciplina, uma vez que é o momento que as incompatibilidades nas relações de gênero aparecem de forma mais nítida.

O motivo principal para as meninas negarem a interação com os meninos é o aspecto biológico, sendo assim, há grande valorização do rendimento nas atividades, portanto, há supremacia esportiva nas aulas e carência de práticas cooperativas.

Essa supremacia esportiva é fruto da cultura escolar que impulsiona o interesse dos alunos. Constatou-se que ao mencionar aulas de Educação Física, as palavras “jogar” e “esporte” dominam as falas dos alunos, sendo assim, a diversificação de conteúdos, assim como a ampliação no repertório de habilidades é premissa para uma reformulação nos conceitos formulados pelos discentes para a Educação Física e posteriormente uma transformação na forma de vivenciar o movimento na escola, mudança essa que poderá dar um caráter menos competitivo e conseqüentemente, com maiores possibilidades de ver meninos e meninas na mesma atividade.

O conteúdo deve ser reformulado para que as habilidades e competências necessárias para a formação integral dos alunos sejam desenvolvidas, pois em quanto se pensar no conteúdo antes das habilidades a tendência é selecionar atividades habituais no universo discente, que não colaboram para o avanço nas possibilidades da Educação Física

O caminho para uma possível mudança de cenário seria a problematização dessas questões. O aluno entrando em contato com a realidade e refletindo sobre, poderia ser sensibilizado sobre o quão distante estão os sexos e assim, interiorizar formas mais eficazes de interagir com o sexo oposto, pois em se tratando do movimento, há dificuldades histórico-culturais que não são levadas em consideração no ambiente escolar, fazendo com que os envolvidos no processo (aluno e professor) tenham visão reducionista do processo coeducativo, negando quaisquer possibilidades. Sendo assim, situar os alunos no tempo e espaço, tirá-los do

conforto e estimulá-los no sentido de repensar a Educação Física de forma que se possibilite aprender com o sexo oposto é primordial para os docentes que sonham com uma relação de gênero igualitária no universo do movimento.

REFERÊNCIAS

- ABREU, N.G.. Meninos pra cá, meninas pra lá? In: VOTRE, S. J. (org.). **Ensino e avaliação em educação física**. São Paulo: Ibrasa, 1992. p.101-120.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal.Geográfica. 2009
- BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**. 3.ed.ljuí , RS: Ed. Unijuí, 2005.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: : introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/ SEF, 1997.
- BRASIL. **TERCEIRO E QUARTO CICLOS DO ENSINO FUNDAMENTAL EDUCAÇÃO FÍSICA PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS**, Secretaria da Educação Fundamental, Brasília, MEC, 1998.
- BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro 1999
- BUTLER, Judith. Sujeitos de sexo/gênero/deseo. **Feminaria**, ano X, vol.19, jul.,1-20. Buenos Aires [s.e], 1997.
- CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: A história que não se conta**. Campinas: Papirus, 1988.
- CARDOSO, M. **100 anos de Olimpíadas**. São Paulo: Scritta, 1996
- CRUZ, M. M. S.; PALMEIRA, F.C.C. Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.15 n 1, p.116-131, 2009.
- DAOLIO, J. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de se transformar meninas em antas. In ROMERO, E. (Org.) **Corpo, Mulher e sociedade**. Campinas: **Papirus**, 1995a. p. 99-108.
- DARIDO, S. C.; SOUZA JUNIOR O. M. Influências da cultura escolar no desenvolvimento de propostas co-educativas em aulas de Educação Física. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.9, n.3, p.143-151, set./dez. 2003
- DARIDO, S. C. A Educação Física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.18, n.1, p.61-80, jan./mar. 2004
- DARIDO, S. C.; SOUZA JUNIOR O. M. **Para Ensinar Educação Física: Possibilidades de Intervenção na Escola**. Papirus. Campinas. 2008.
- GOELLNER, S. V. A educação física e a construção de imagens de feminilidade no Brasil dos anos 30 e 40.**Revista Movimento**.Porto Alegre, v.6 n.13 p.61-70, 2000.
- GOELLNER, S. V.; FIQUEIRA, M. L. M.; JAEGER, A. A. A educação dos corpos, das sexualidades e dos gêneros no espaço da Educação Física escolar. In: RIBEIRO, P. R. C.; SILVA, F. F.; MAGALHÃES, J. C.; QUADRADO, R. P. (Org.) **Educação e**

sexualidade: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceitos, homofobia... Rio Grande: Editora da FURG, 2008, p. 67-75.

GRIFFIN, P.; GENASCI, J. Addressing homophobia in physical education: responsibilities for teachers and researchers. In: MESSNER, M.A.; SABO, D.F. (Eds.). Sport, men and the gender order: critical feminist perspectives. Champaign: **Human Kinetics**, 1990. p.211-21.

JESUS, M. L.; DEVIDE, F. P. Educação Física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 03, p. 123-140, setembro/dezembro de 2006.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MAC AN GHAILL, Marítín. "Deconstructing heterosexualities in school arenas". **Curriculum Studies**, v. 4, nº 2. Inglaterra, 1996, p. 191-210.

MEYER, Dagmar. **Gênero e educação:** teoria e política. In: Corpo, Gênero e Sexualidade: Um Debate Contemporâneo na Educação. 4 ed. Petrópolis. Vozes. 2003. 191p.

ROMERO, E. A Educação Física a serviço da ideologia sexista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Santa Maria, v. 15; n. 3; p. 226-234; Jan. 1994.

SARAIVA, M. do C. **Co-educação Física e Esportes:** quando a diferença é mito. Ijuí: Unijuí, 1999.

SARAIVA, M. do C. Por que investigar as questões de gênero no âmbito da Educação Física, Esporte e Lazer? **Motrivivência**, v.13, n. 19, p. 79-85, 2002.

SCOTT, J. G. Gênero: uma categoria útil na análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.20, n. 2, jul./dez., 1995, p. 71-99.

SILVA, P.; BOTELHO GOMES, P.; GOELLNER, S. Educação Física no sistema educativo português: um espaço de reafirmação da masculinidade hegemônica. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.22, n.3, p.219-33, jul./set. 2008.

SOUSA, E. S.; ALTMAN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na Educação Física escolar. **Caderno Cedes**, ano XIX, n.48, p. 52-68, 1999.

SOUZA Junior, O. M. **Coeducação, Futebol e Educação Física Escolar**. 2002. 121f. Mestrado em Ciências da Motricidade - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista - campus de Rio Claro, Rio Claro. 2002.

SOUZA JUNIOR, O. M.; DARIDO, S. C. Influências da cultura escolar no desenvolvimento de propostas coeducativas em aulas de Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v.9, n.3, p.143-151, set./dez. 2003.

SOUZA JUNIOR O. M. Educação Física escolar, Co-Educação e Questões de Gênero. In Pedagogia Cidadã. São Paulo: **Pró reitoria de Graduação**. p. 71-86. 2004.

TARDIF, M. RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem no magistério. **Educação & Sociedade**. Campinas, v.21, n.73, Dez. 2000.

VERBENA, E. C. G. e ROMERO, E. As relações de gênero no esporte por discentes da rede pública municipal de Juiz de Fora. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v.9, n-2, 2003

WITTIG, M. El cuerpo lesbiano. **Editora Pre-Textos**, Valência 1977.